

A COMUNICAÇÃO E A INFORMAÇÃO NA CULTURA

Moisés de Lemos Martins¹

Catedrático de Ciências da Comunicação. Universidade do Minho

RESUMO

Discutimos neste ensaio a atual cinética do mundo, que tem nas tecnologias da informação e da comunicação a sua condição de possibilidade e de existência. A cultura e as suas práticas não são alheias a este movimento. Com a mobilização tecnológica, deixamos de ter fundamento seguro, território conhecido e identidade estável. O mal-estar instalou-se na cultura, a tal ponto que passamos a senti-la em perigo. Mas com a crise da cultura é a própria ideia de humano que está em risco.

¹ O autor é Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho. Dirige o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), que fundou em 2001. É Diretor da revista Comunicação e Sociedade, e também da Revista Lusófona de Estudos Culturais. Doutorou pela Universidade de Estrasburgo em Ciências Sociais (na especialidade de Sociologia), em 1984, tem publicado, no âmbito da Sociologia da Cultura, Semiótica Social, Sociologia da Comunicação, Comunicação Intercultural, Estudos Pós-coloniais. Dirigiu o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Foi Presidente da Sopcom - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação; da Lusocom - Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação; e da Confibercom - Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Académicas de Comunicação. Obras: Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs (2017, 2.^a ed.); A Linguagem, a Verdade e o Poder - Ensaio de Semiótica Social (2017, 2.^a ed.); Comunicação e Lusofonia. Para uma abordagem crítica da cultura e dos médias (2017, 2.^a ed., com Helena Sousa e Rosa Cabecinhas); A Internacionalização das Comunidades Lusófonas e Ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas - O Caso das Ciências da Comunicação (2017); Os Postais Ilustrados na Vida da Comunidade (2017); O Olho de Deus no Discurso Salazarista (2016, 2.^a ed.); Lusofonia e interculturalidade. Promessa e travessia (2015); Do Post ao Postal (2014, com Maria Luz Correia); L'Imaginaire des Médias (2011, com Michel Maffesoli); Portugal Ilustrado em Postais (2011, com Madalena Oliveira); para uma Inversa Navegação - O Discurso da Identidade (1996).

moisesm@ics.uminho.pt

A mobilização tecnológica, a globalização e a cultura

Pensar o humano, hoje, requer que prestemos uma particular atenção à condição tecnológica da época. As tecnologias da informação e da comunicação constituem as condições de possibilidade e de existência do mercado global, que reúne, em tempo real, todas as bolsas do mundo, de Nova Iorque, a Xangai, Tóquio, Francoforte, Londres, Paris... A globalização é, pois, uma realidade associada à condição tecnológica da época e tem uma natureza preponderantemente económico-financeira. E com todas as coisas deste mundo, bens, corpos e almas, a serem apanhadas no vórtice da mobilização tecnológica e a tomarem como modelo a ideia de mercado, ou seja, a converterem-se em mercadoria, exige-se que em todos os aspetos da vida o humano seja competitivo e empreendedor e que trabalhe para uma qualquer estatística e para um qualquer ranking (Martins, 2010a).

A cultura não pode ser pensada fora deste movimento de mobilização tecnológica (Martins, 2015a; 2015b). Em todas as suas práticas, o mundo é hoje mobilizado por tecnologias, sobretudo por plataformas móveis de comunicação, informação e lazer (*iPads, tablets e smartphones*), e também por novas formas de interação social (entre as quais, as redes sociotécnicas), e ainda por modelos emergentes de interação (como, por exemplo, aplicações e videojogos). Neste contexto, tem sentido falarmos de identidades transculturais e transnacionais (Martins, 2018b). Ser europeu, ibero-americano, africano, latino-americano, lusófono, etc., assinala, pois, uma condição transnacional e transcultural da cultura, que torna possível o desenvolvimento de imaginários comuns, e enfim, uma partilha de sonhos coletivos.

A globalização vem permitir, entretanto, que possamos desenvolver um espaço público e uma opinião pública, à escala planetária, sobre os principais problemas humanos, seja o alastramento da desigualdade entre os povos e o flagelo da fome, seja o aquecimento global e a intoxicação do planeta.

Acolher e enfrentar o desafio, que hoje nos é colocado pelas tecnologias da informação e da comunicação, consiste em fazer uma navegação por lugares hipermediados, por pontos onde a mediação tecnológica favorece estados imersivos, deslocções geográficas, trocas sociais, travessias sensoriais e evasões imaginárias. E para além de uma navegação através do ciberespaço, o homem contemporâneo está desafiado a enfrentar a hibridez de todos os espaços (Martins, 2011/2012). Hoje, os espaços do quotidiano tornam-se híbridos, ao constituírem-se como objetos técnicos, produzidos tecnologicamente, sejam eles os cinemas, os teatros e outras salas de espetáculo, as estações de comboio, as estações de correio, os aeroportos, os museus, as bibliotecas.

Entretanto, o imaginário comum a desenvolver universalmente constitui-se hoje como um combate a travar pela diversidade, no que respeita à ordenação simbólica do mundo, um combate tornado possível pelas redes transculturais e transnacionais de conhecimento, onde se faz, ao mesmo tempo, não apenas a abertura do mundo à diversidade das línguas e das culturas, como se colocam os problemas da língua e da

cultura hegemônicas, e também da subordinação política, científica, cultural e artística de todas as outras línguas e culturas (Martins, 2018a).

Cultura, comunicação e mídia

De acordo com Gianni Vattimo (1990), vivemos numa “sociedade da comunicação generalizada”. Mas a comunicação generalizada de que aqui se trata não são as circunstâncias de o humano se entender em termos comunicativos e de não haver outro modo de nos realizarmos que não seja uma relação de comunicação com um outro. Por “sociedade da comunicação generalizada”, entende-se, antes, a situação que atualmente é a nossa, de comunicação à escala global, hoje tornada possível pelas tecnologias da comunicação e da informação.

Quando dizemos “sociedade da comunicação generalizada” estamos, pois, a pensar que a comunicação acontece hoje em circunstâncias globalizadas e que a própria cultura é globalizada, sendo as tecnologias da informação a sua condição de possibilidade e de existência. Nestas circunstâncias, as tecnologias da comunicação e da informação estendem até ao infinito o espaço do controle humano, para falarmos como Michel Foucault e Gilles Deleuze. E a cibernética, que nasceu como “a ciência do controle e da comunicação no animal e na máquina”, tal como no-la apresentou Norbert Wiener (1948), faz agora um controle, “total” (Jünger, 1930) e “infinito” (Sloterdijk, 2000), das condições de existência humana.

Sendo está a condição da época, não podemos mais pensar na cultura, fora da nossa condição tecnológica. Os próprios média são hoje digitais e a cultura também se estende pelas redes sociotécnicas, habitualmente conhecidas como redes sociais. Mas é toda a cultura, assim como as artes, que se convertem ao digital (Kerckhove, 1997) – um mundo de territórios, paisagens e ambientes novos: *sites*, portais, *blogs*, jogos eletrónicos, repositórios digitais, museus virtuais...

E vem a ser necessário navegar por este novo território, o que é um desafio deveras aliciante, porque da resposta que lhe dermos depende o futuro do humano. “Lá onde está o perigo, também cresce o que salva”, dizia o poeta alemão Hölderlin (*apud* Heidegger, 1954). E é esse o nosso desafio. Estendendo-se da cultura às artes, o desafio a dar à condição tecnológica da época convoca, por exemplo, as práticas dos profissionais do novo contexto digital, particularmente da *web designers*, curadores *online*, gestores de museus virtuais, ativistas da *web*, *youtubers*, sem esquecer a proteção e a segurança que é necessário assegurar aos conteúdos culturais digitais, assim como à comunicação desses conteúdos.

Qualquer atividade humana produz cultura. E como a prática quotidiana dos indivíduos de hoje passa por uma filiação tecnológica, a cultura, ela própria, torna-se digital. Estes novos ambientes têm a ver com uma espécie de sensibilidade da época, com as emoções e as sensações. Porque aconteceu com a época aquilo a que Mario Perniola (1994) chamou de *sex appeal* do inorgânico. O inorgânico é aqui o tecnoló-

gico. E os objetos técnicos estabelecem uma ligação sensorial conosco, uma ligação com a nossa pele, o que quer dizer, uma ligação com as nossas emoções. E também os meios passam por este processo e exprimem esta sensibilidade.

Os meios, hoje

Os meios nasceram como uma promessa de cidadania, ao serviço da sociedade democrática, exercendo a vigilância sobre os poderes públicos e as instituições, e instruindo os cidadãos sobre as decisões a tomar no espaço público. No entanto, como a experiência contemporânea é uma experiência tecnológica, os meios estão sujeitos a este mesmo movimento. O que quer dizer que os meios refletem as condições da época, que são tecnológicas, e as contradições que a própria época tem, por razões também tecnológicas (Martins, 2008; 2010b; 2015b). Nestas circunstâncias, os meios passam a constituir um instrumento da ordem do espetáculo (Guy Debord, 1967), com uma “ética da estética” (Maffesoli, 1990), tendo um compromisso apenas com a emoção, o que corresponde, na realidade, a uma retração do pensamento. Lembremos, todavia, neste contexto, o personagem Ulrich, do livro *O homem sem qualidades*, de Robert Musil (1952). Mobilizados pela técnica, os meios contribuem para que a nossa época acumule conhecimentos como nunca aconteceu antes, em nenhuma outra época. Mas sentem-se absolutamente incapazes para alterar o curso das coisas.

Esta situação agrava-se pelo facto de a soberania ter deixado de residir nos estados nacionais, tendo sido transferida para estruturas políticas e económico-financeiras supranacionais, como o Banco Mundial, o Banco Central Europeu, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio, a União Europeia, o Mercosul, a União Africana (Martins, 2008). Nestas condições, as decisões mais importantes passaram para a responsabilidade de verdadeiros “governos mundiais”, tendo os países uma margem de manobra estreita e sendo as suas decisões de efeito político e económico reduzido. As principais decisões são colocadas num outro patamar, em macro-estruturas globais, financeiras e políticas. E quando hoje vemos alastrarem os fenómenos populistas, não podemos deixar de os considerar como uma realidade da mesma ordem que a retração do pensamento.

Cultura e mal-estar

A mobilização tecnológica da época tornou manifesto um mal-estar na cultura e no humano, que se tem generalizado pelo facto de o mal-estar ser concomitante ao sentimento de impotência, relativamente ao atual estado do mundo. A este respeito, lembramos, por um lado, *Crise no castelo da cultura: das estrelas para os ecrãs* (Martins, 2017), e por outro, as alterações climáticas, de que são um gritante exemplo, tanto os recentes incêndios florestais, em Portugal e na Califórnia, como o ciclone Idai, em Moçambique. No fundo, a nossa relação com as tecnologias diz muito sobre a nossa identidade, assim como sobre a relação que mantemos com o planeta, cujas capacidades se vão exaurindo.

Mas um outro mal-estar cultural, que é também um mal-estar político, são os nacionalismos, assim como as convocações ao patriotismo. O nacionalismo e o patriotismo significam hoje meros tribalismos, o que quer dizer, egoísmos, que desenvolvem sentimentos xenófobos, propagam a intolerância ao outro e destilam ódio àquele que é estrangeiro.

Dadas as condições tecnológicas da época, ocorre hoje uma migração massiva de pessoas, numa escala tal, como nunca aconteceu no passado, a ponto de as sociedades serem hoje todas transculturais. Neste contexto, se nos colocamos de um ponto de vista meramente nacionalista, o outro acaba sempre por ser para mim um problema. É da lógica das relações humanas que num primeiro momento eu possa ficar fascinado pelo outro. Mas o momento seguinte é o de me sentir incomodado pelo outro. Porque é diferente de mim e eu não o entendo. Porque tem hábitos que não são os meus, crenças que não são as minhas, vê o mundo de um modo diferente do meu e também age de um modo distinto de mim. No limite, aquilo que começa como o encontro com um outro, pode acabar em abafamento, anulamento, apagamento, dominação e violência sobre o outro. É esta a lógica das relações humanas, sejam elas vividas em termos individuais, ou em termos coletivos. Por essa razão, entendemos que o nacionalismo abre hoje caminho a sociedades mais intolerantes e xenófobas. O único ponto de vista que julgamos fazer sentido, nas atuais circunstâncias do mundo, assim como a única pedagogia a desenvolver nos contextos interculturais, são os que nos colocam do lado da comunidade humana como um todo, mantendo e alimentando sempre um sentido de humanidade.

Os nacionalismos intolerantes

A atual compreensão da cultura não é, pois, dissociável da mobilização tecnológica da época. A cultura do Ocidente foi construída segundo o princípio da analogia, com todas as coisas a remeterem para uma causa anterior, sendo Deus a primeira das causas, aquela que reúne na unidade todas as coisas. O Ocidente foi feito por três religiões principais, tendo cada uma delas um livro sagrado, que nos funda de acordo com o princípio da analogia. Nestas três tradições religiosas, no Judaísmo com a Torá, no Cristianismo com a Bíblia e no Islão com o Alcorão, é Deus a causa das coisas, para onde toda a criação remete.

Com a laicização da cultura, esta mundividência acabou no Ocidente. O iluminismo e o romantismo desferiram um golpe fatal no princípio da analogia, abrindo caminho à modernidade. Daí para a frente, tendo Deus morrido, o homem passou a contar apenas consigo próprio para fazer o seu caminho. A visão de um mundo separado e autotélico é aprofundada pelas tecnologias da imagem, que começaram por meados do século XIX, com a invenção da máquina fotográfica, prosseguiram com o cinema, a televisão e o vídeo, e chegaram à internet e ao digital (Martins, 2009). A tecnologia, hoje, não aspira apenas a fazer-nos o braço; quer produzir-nos por inteiro. E é um facto, a tecnologia não apenas faz expandir a experiência do humano, por exemplo, através da máquina fotográfica, da programação informática e do design gráfico,

como fez crescer, exponencialmente, as nossas práticas de simulação e de simulacro (Baudrillard, 1981), assim como a nossa capacidade de produzir seres artificiais e virtuais. E à expansão da nossa experiência e conhecimento corresponde, igualmente, uma expansão da narrativa, uma expansão do nosso modo de nos narrarmos, de falarmos de nós (Jenkins, 2003; Sousa, Martins & Zagalo, 2016).

No entanto, por muito excitantes e admiráveis que sejam os novos territórios, as novas paisagens e os novos ambientes eletrônicos, o humano não pode deixar de sentir o perigo e de se mostrar desassossegado. Porque deixou de ter fundamento seguro, território conhecido e identidade estável.

A cultura em perigo e a democracia em risco

O Ocidente foi construído pelos logos grego e cristão, uma palavra que é também razão, sentido e direção, e por um horizonte de comunidade, de unidade integradora, que o princípio de analogia tornou possível (Martins, 1994). Entretanto, a substituição do regime da analogia pelo regime tecnológico fez cair o “acento grave da historicidade” e o “acento circunflexo (um acento de expansão do tempo) da eternidade” (Paul Celan, 1971), e mobilizou-nos para as urgências do presente, que são sempre, como vimos, as urgências para um mercado qualquer e para uma competição qualquer, ocorrendo então a retração do *logos* e a promoção do *pathos*, a retração da razão e a promoção da emoção, a substituição do horizonte de comunidade pelos mais variados interesses, próprios de uma sociedade tribal. Nestas circunstâncias, os tempos não vão bons para a ideia de cidadania e de democracia. Nos últimos tempos, temos visto aproximarem-se da boca de cena da história, a multidão, o populismo e o nacionalismo, fomentando toda a espécie de egoísmo, promovendo a xenofobia e a intolerância, e colocando em risco a comunidade humana.

A democracia é uma das instituições do regime literário, que fez o Ocidente, ao lado das universidades e do jornalismo. Dizia Jorge Luís Borges (1969), no poema *Unending gift*, que apenas pela palavra podemos prometer. E, com efeito, a democracia foi sempre uma promessa de liberdade. Assim como as universidades foram uma promessa de emancipação histórica. E o jornalismo foi uma promessa de cidadania. Além disso, o regime literário fundou-se no princípio da analogia, com todas as coisas a remeterem para uma causa anterior que as explicava, sendo que a última das causas reunia tudo na unidade, ou seja, numa ideia de comunidade. Mas o regime literário foi substituído pelo regime tecnológico. O princípio da analogia desfez-se. E todas as coisas servem, agora, o mercado, a competição, o empreendedorismo, a estatística e o ranking.

Nestas condições, o humano passou a viver em sobressalto e em desassossego, assim como todas as instituições, que até então o garantiam, pois que também elas entraram em crise. E os média exprimem esta cinética do mundo, pelo que manifestam cada vez maiores dificuldades na promoção da cidadania e na proteção e aprofundamento da democracia.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. (1981). *Simulacres et simulation*. Paris: Galilée.
- BORGES, J. L. (1969) [1988]. The unending gift. In *Elogio da sombra. Obras Completas* (1952- 1972), II. Lisboa: Teorema.
- CELAN, P. (1996) [1971]. O meridiano. In *Arte Poética. O meridiano e outros textos* (pp. 41-64). Lisboa: Colibri.
- DEBORD, G. (1967). *La société du spectacle*. Paris: Buchet/Chastel.
- HEIDEGGER, M. (1988) [1954]. La question de la technique. *Essais et conférences* (pp. 9-48). Paris: Gallimard.
- JENKINS, H. (2003). Transmedia storytelling. *Technology Review*, January.
- JÜNGER, E. (1930) [1990]. *La mobilisation totale. [L'Etat Universel, suivi de La mobilisation totale]*. Paris: Gallimard.
- KERCKHOVE, D. DE (1997). *A Pele da Cultura - Uma investigação sobre a nova realidade electrónica*. Lisboa: Relógio D'Água.
- MAFFESOLI, M. (1990). *Au creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique*. Paris: La Table Ronde.
- MAFFESOLI, M. (2000). *L'instant éternel. Le retour du tragique dans les sociétés postmodernes*. Paris: Denoël.
- MARTINS, M. L. (2018a). “Portuguese-speaking countries and the challenge of a technological circumnavigation”. *Comunicação e Sociedade*, 34 (2), pp. 103-117. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2938](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2938). Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/57437>
- MARTINS, M. L. (2018b). “A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais”. *Letrônica - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS*, 11 (1), pp. 3-11. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2018.1.30438>
- MARTINS, M. L. (2017). *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs*. 2.ª edição. Fimalicão: Húmus. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/29167>
- MARTINS, M. L. (2015a). “Os Estudos Culturais como novas Humanidades”. *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies*. Vol. 3 (1), pp. 341-361. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/40655>
- MARTINS, M. L. (2015b). Os média na contemporaneidade: da promessa de emancipação histórica à sua ruína. In Ledo, M. & Lopes, M, I., *Comunicación, cultura e esferas de poder* (pp. 19-44). Santiago de Compostela/São Paulo: Usp/usc/assibercom/agacom. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/35292>
- MARTINS, M. L. (2011/12). Média digitais – hibridez, interatividade, multimodalidade. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 43-44, pp. 49-60. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/25606>

- MARTINS, M. L. (2010a). A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins. In Álvares, C. & Damásio, M. (Org.) *Teorias e práticas dos média. Situando o local no global* (pp. 267-278). Lisboa: Edições Lusófonas. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24250>
- MARTINS, M. L. (2010b). Linguagem, verdade e conhecimento. As Ciências da Comunicação e o contemporâneo. In Silva, A. S. et al., *Comunicação, cognição e média*, vol. 1 (pp. 76-86). Braga: Universidade Católica Portuguesa - Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24118>
- MARTINS, M. L. (2009). “Ce que peuvent les images. Trajet de l’un au multiple”. *Les Cahiers Européens de l’Imaginaire*, 1, 158-162. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24132>
- MARTINS, M. L. (2008). Do funcionamento dos média à crise da modernidade: o espaço público e os seus simulacros. In Ramos, M. C. & Del Bianco, N. (Org.), *Estado e Comunicação*. Intercom: UNB – Universidade de Brasília. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/25369>
- MARTINS, M. L. (1994). “A verdade e a função de verdade nas Ciências Sociais”. *Cadernos Noroeste*, Vol. 7 (2), pp. 5-18.
- MUSIL, R. (2008) [1952]. *O homem sem qualidades*. Lisboa: D. Quixote.
- PERNIOLA, M. (2004) [1994]. *O sex-appeal do inorgânico*. Lisboa: Ariadne.
- SLOTERDIJK, P. (2000). *La mobilisation infinie*. Paris: Christian Bourgois.
- SOUSA, M. N.; MARTINS, M. L. & ZAGALO, N. (2016). Transmedia storytelling: The roles and stakes of the different participants in the process of a convergent story, in divergent media and artefacts. In Lugmayr, A. & Dal Zotto, C. (Eds.), *Media convergence handbook – Vol.2* (pp. 117-135). Berlin/Heidelberg: Springer-Verlag.
- VATTIMO, G. (1991). *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70.
- WIENER, N. (1948). *Cybernetics: Or control and communication in the animal and the machine*. Paris, Hermann & Cie & Camb. Mass., MIT Press.